

UNITED PEOPLE ORGANIZATION

(Organização dos Povos Unidos)

Um Parlamento dos Cidadãos do Mundo. Uma Voz para a Humanidade

Como nós, seres humanos, podemos construir em conjunto uma nova ordem global através da interligação, da cooperação e da participação democrática

Basileia, novembro de 2025

Catherine Brunner Dubey & Pierre Brunner

Índice

- Uma visão geral em poucas palavras
- Cara cidadã, caro cidadão do nosso planeta Terra, a nossa pátria
- O nosso ponto de partida global
- Visão e estruturas
- Porque uma organização
- Autoconstituição
- Funcionamento
- Modo de eleição, uma ideia um pouco diferente
- A UPO, um complemento das Nações Unidas
- Democracia global
- Ao serviço da comunidade planetária
- Diversidade e unidade
- Somos todos cidadãos do mundo
- Impacto
- Princípios orientadores
- Uma sociedade civil diversa
- Fundação, os primeiros passos
- Financiamento
- Considerações finais

Uma ideia que foi crescendo

- Sobre nós
- Inspirações

Uma visão geral em poucas palavras

Este conceito desenvolve a visão de uma **United People Organization (UPO)**, uma organização democrática fundada pela própria população civil global. Como resposta ao profundo déficit democrático da política global, onde decisões internacionais são tomadas sem a participação dos cidadãos, a UPO pretende criar um novo nível político que inclua e represente todas as pessoas em pé de igualdade e que dê, pela primeira vez, uma voz política própria à Humanidade.

No centro desta visão está a ideia de que a Humanidade, unida e organizada numa estrutura comum, pode ser mais do que uma simples soma de milhares de milhões de indivíduos. A UPO pretende tornar essa unidade visível através da criação de um Parlamento Mundial democraticamente eleito, de um Conselho representativo e de uma adesão aberta a cidadãos de todo o mundo. Não procura o poder no sentido clássico, mas pretende exercer influência como força corretiva através da autoridade moral, da legitimidade democrática e do potencial da inteligência coletiva e da interligação entre pessoas.

A organização entende a diversidade como uma força e a unidade como a base de uma cooperação viva entre os cidadãos. O seu modo de funcionamento assenta na participação e numa cultura transparente de feedback. O seu objetivo é atuar, com a força da ação coletiva, em benefício da comunidade planetária.

A concretização desta visão segue o princípio da **autoconstituição** e prevê os seguintes primeiros passos:

1. a divulgação mundial da ideia através de um sítio na Internet;
2. a obtenção de membros provisórios como forma de feedback público;
3. a preparação de uma assembleia constituinte quando for alcançada uma ressonância pública suficiente.

Esta abordagem é pragmática e concreta. Apresenta um caminho realizável para que pessoas de todo o mundo se interliguem, atuem em conjunto e organizem eleições globais para um Parlamento da Humanidade. Cada novo membro da UPO fortalece e amplia esta nova realidade política.

O objetivo é dar vida à UPO o mais rapidamente possível, envolvendo o maior número possível de pessoas, estabelecendo assim a população civil global como sujeito político e tornando-a capaz de agir.

Cara cidadã, caro cidadão do nosso planeta Terra, a nossa pátria



Quem és tu que estás a ler estas linhas? Onde vives? O que torna a tua vida preciosa? Que sonhos te acompanham?

Há muito que não sabemos uns sobre os outros. Mas há também muito que nos une. O mais evidente é isto: todos somos cidadãos do planeta Terra, um planeta repleto de incontáveis formas de vida maravilhosas.

Infelizmente, toda esta vida preciosa está em perigo. A lista dos problemas que afetam o nosso mundo é longa, global e existencial. Isso toca-nos profundamente. Sentimos tristeza, indignação e preocupação, mas também a força revigorante de viver neste momento decisivo da História. Ainda assim, não queremos dirigir a nossa atenção apenas para aquilo que está errado. Se o fizermos, corremos o risco de não reconhecer o potencial que repousa neste tempo tão significativo.

O potencial que vemos representa simultaneamente uma oportunidade e um desafio para a população civil global. É a necessidade de nós, seres humanos, nos ligarmos uns aos outros, atuarmos em conjunto e assumirmos a responsabilidade pela vida e pela sobrevivência da nossa comunidade planetária.

Para isso, precisamos de uma instituição que dê voz a todas as pessoas nas questões globais e que una a Humanidade como um todo.

Precisamos de uma **UNITED PEOPLE ORGANIZATION (UPO)**.

Mesmo que esta organização ainda não exista na realidade, ela já existe na nossa imaginação, como uma visão que exerce influência sobre o presente. É por isso que a apresentamos nas páginas seguintes como se já fosse uma realidade.

Vem connosco descobrir uma nova realidade política:

- na qual tu, e cada cidadã e cada cidadão, possam participar na construção de **"um mundo como o queremos"**;
- na qual, a nível global, uma habitante de Soweto tenha a mesma influência política que um habitante de Estocolmo;

- na qual exista um Parlamento que represente com a mesma legitimidade uma agricultora indígena do Peru e um banqueiro de investimento de Nova Iorque;
- na qual exista um Conselho que faça ouvir a sua voz em defesa do bem comum e da prosperidade de toda a Humanidade.

Para esta viagem, desperta a força da tua imaginação, a coragem do teu coração e a criatividade do teu pensamento.

O nosso ponto de partida global

"Quando os problemas globais são tratados apenas ao nível dos governos, perdemos a consciência de que essas decisões dizem respeito a todos nós." George Monbiot

A atual população civil global constitui, antes de mais, uma comunidade de destino. Suporta, nos planos político, económico e ecológico, as consequências de decisões nas quais teve pouca ou nenhuma participação. A política global, que define o rumo para o futuro de gerações inteiras, continua a ser conduzida, em grande medida, sem a participação democrática dos cidadãos.

Instituições como a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (FMI) ou o Banco Mundial são instrumentos nas mãos dos governos. A este nível não existem participação cidadã, separação de poderes nem transparência. O atual sistema político global sofre de um profundo défice democrático.

O mesmo se aplica às Nações Unidas, onde não estão representadas as nações enquanto povos, mas sim os seus governos, cinco dos quais dispõem ainda de direito de veto. Também aqui não existe uma verdadeira representação dos cidadãos. A política global continua a não dispor de estruturas democraticamente legitimadas. Esta ausência de participação cidadã à escala global torna indispensável uma reforma profunda da governação global.

Os governos, os presidentes, os oligarcas, os dirigentes das grandes empresas e outros detentores de poder possuem apenas a influência que nós lhes concedemos. Permanecemos sem poder apenas enquanto não reconhecermos nem utilizarmos a nossa própria capacidade de agir.

Chegou o momento de nós, cidadãos do mundo, deixarmos de ser apenas uma comunidade de destino e nos constituirmos como uma força capaz de agir, como uma comunidade politicamente ativa e como uma organização juridicamente constituída.

Visão e Estruturas

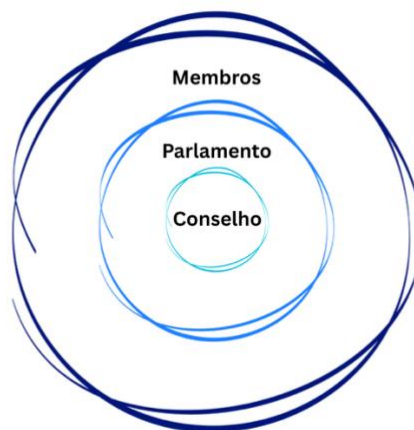
"Se alguma coisa nos dá esperança para o futuro, é uma assembleia da Humanidade que seja representativa, mas não centralmente controlada." Paul Hawken

A UPO é a visão de uma organização política da população civil global, criada e sustentada pelas próprias pessoas. Dispõe de um Parlamento, eleito democraticamente e representativo dos cidadãos do mundo, bem como de um Conselho, igualmente eleito de forma democrática, que atua na política global como a voz da Humanidade. Na sua função, a UPO é para os cidadãos do mundo aquilo que as Nações Unidas são para as nações.

Para tornar esta visão realidade, são necessárias votações e eleições globais. Graças aos avanços tecnológicos dos últimos anos, isso é hoje possível. O voto eletrónico já é utilizado em vários países, enquanto debates em linha e plataformas digitais de votação estão a ser desenvolvidos. As exigências de uma plataforma segura e capaz de suportar processos complexos são elevadas, mas tecnicamente realizáveis.

Naturalmente, é necessário ter em conta que, em regiões menos desenvolvidas do mundo, o acesso à Internet continua a ser limitado. Este desafio deverá ser cuidadosamente considerado ao longo de todo o processo de implementação.

Concebemos a estrutura da UPO como três círculos concêntricos:



- **Os Membros** - o círculo exterior: todos os cidadãos do mundo que se registam na UPO. Qualquer pessoa adulta tem o direito de ser membro.
- **O Parlamento** - o círculo intermédio: a assembleia dos delegados democraticamente eleitos pelos membros.
- **O Conselho** - o círculo interior: um órgão eleito pelos membros, composto por mulheres e homens íntegros que, através da sua vida, da sua ação e do seu compromisso para com o mundo, conquistaram o respeito da sociedade. Possuem experiência, sabedoria e uma profunda compreensão da comunidade planetária. O Conselho representa a UPO perante o exterior e é a voz da unidade da Humanidade.

Os Membros

Todas as pessoas do mundo têm o direito de se tornar membros da United People Organization (UPO). Como requisito, será definida uma idade mínima. A adesão confere a cada membro o direito de votar e de ser eleito no âmbito da UPO, bem como acesso à sua plataforma de debate e diálogo.

Os membros elegem os delegados do Parlamento e as mulheres e os homens que integram o Conselho. Têm o direito de participar nas votações e de apresentar petições. Cada pessoa adulta dispõe de um voto, pode eleger os seus representantes e candidatar-se ao Parlamento. Do ponto de vista técnico, os membros necessitam de acesso à Internet.

O Parlamento

Utilizamos aqui a designação Parlamento por ser o termo habitualmente usado para designar uma assembleia de representantes eleitos pelo povo. Poder-se-ia imaginar também outra designação, por exemplo Fórum.

O United People Parliament é o órgão operativo da UPO. É constituído pelos delegados eleitos pelos membros. O Parlamento representa a diversidade da Humanidade.

Os delegados não são escolhidos em função da sua nacionalidade nem da sua filiação partidária. O critério decisivo é a sua capacidade de colocar o bem da comunidade planetária no centro da sua ação e de se empenharem ativamente por esse objetivo. Cada pessoa contribui com a sua perspetiva pessoal, profissional, social e cultural. Assim, diferentes formas de pensar, experiências e pontos de vista enriquecem o trabalho comum. A orientação para o bem comum gera sinergias, valoriza as forças complementares de cada pessoa e liberta a colaboração da disputa por interesses particulares.

O trabalho parlamentar tem um carácter colaborativo. Ao contrário dos parlamentos tradicionais, organizados em torno de uma tribuna e de filas de ouvintes, o Parlamento da UPO inspira-se, na sua forma de trabalhar, no modelo do World Café. Este formato promove um intercâmbio vivo entre os delegados, estimula a criatividade e favorece o surgimento de conhecimentos e soluções coletivas.

Propomos que o Parlamento seja composto por 997 delegados. É um número suficientemente elevado para integrar uma grande diversidade de perspetivas e, ao mesmo tempo, suficientemente reduzido para permitir um funcionamento eficiente. Além disso, 997 é o maior número primo inferior a mil, simbolizando a unidade indivisível da Humanidade.

O Parlamento é uma instituição permanente com uma sede física, por exemplo, na África do Sul, na Costa Rica ou na Sicília.

Os delegados trabalham em grupos de competência dedicados aos grandes desafios globais, por exemplo:

- Resiliência climática
- Transformação de conflitos e promoção da paz
- Desarmamento e segurança por meios pacíficos
- Gestão planetária dos recursos vitais (água, alimentos, energia e matérias-primas)
- Boa governação à escala mundial
- Bases de existência solidárias para todas as pessoas
- Migração e deslocamentos humanos numa perspetiva global
- Superação de conflitos não resolvidos entre povos, nações e grupos étnicos
- Promoção de energias sustentáveis

Nestes grupos, os delegados trabalham em conjunto com especialistas e organizações da sociedade civil para desenvolver soluções sólidas e bem fundamentadas.

O Conselho

O Conselho é um órgão composto por mulheres e homens íntegros que, através da sua vida, da sua ação e do seu compromisso para com o mundo, conquistaram um reconhecimento especial. Possuem experiência, sabedoria e uma profunda compreensão da comunidade planetária.

O Conselho é eleito pelos membros e constitui o órgão representativo da UPO. É composto por um número de membros a definir, por exemplo sete ou nove. Este órgão trabalha segundo o princípio da colegialidade e toma as suas decisões por consenso.

O Conselho não dispõe de poder coercivo. Não possui polícia, nem exército, nem tribunais. A sua força reside na autoridade que lhe é conferida pelo facto de ter sido democraticamente eleito pelas pessoas.

O Conselho é a voz da UPO. Representa publicamente a vontade e as decisões dos membros da United People Organization. No contexto da política internacional, faz ouvir, de forma empenhada, a voz da Humanidade. Procura manter uma presença regular nos meios de comunicação social para levar as preocupações da UPO tanto às pessoas como ao debate político. Denuncia injustiças, violações do direito internacional, crimes contra a Humanidade e acusa publicamente os responsáveis por ecocídios.

O Conselho impulsiona mudanças e promove uma cultura de cooperação construtiva.

Informa, de forma transparente, sobre o trabalho do Parlamento, sobre as votações futuras e sobre os respetivos resultados. No espírito da UPO, a sua voz é uma voz que une e que é guiada por uma visão mais ampla.

A presença pública do Conselho pode reforçar a confiança na democracia e mostrar que vale a pena aceitar o esforço de processos de desenvolvimento lentos, mas constantes, pois são eles que, em última análise, conduzem a um maior bem-estar e a uma maior liberdade para todos.

Porque uma organização

"O todo é maior do que a soma das suas partes." Aristóteles

Todas as comunidades humanas, seja uma associação, um município, uma província ou um Estado, organizam-se. Criam regras, acordos e leis que tornam possível a convivência, preservam a harmonia e promovem a cooperação. A Humanidade, como um todo, continua a ser uma exceção. Ainda não está organizada nem dispõe de um instrumento que permita criar ordem, segurança e prosperidade partilhada para todos.

Uma Humanidade organizada como United People pode ser mais do que um conjunto de oito mil milhões de indivíduos. Pode dotar-se de estruturas e definir regras que favoreçam a sua segurança e o seu bem-estar.

No seio de uma organização, as múltiplas forças da população civil global podem ser reunidas, coordenadas entre si e tornar-se eficazes através de ações e iniciativas comuns.

A UPO cria um quadro no qual a diversidade humana pode interagir, complementar-se e unir-se. Aproveita as sinergias de uma colaboração intencional e, desse modo, desenvolve o potencial da Humanidade.

No âmbito da UPO, a Humanidade pode reconhecer-se como um todo. Toma consciência da sua identidade coletiva e entra, assim, numa nova fase da evolução planetária. Este passo não pode ser imposto nem forçado. Surge a partir do seu próprio desenvolvimento. No entanto, já hoje podemos criar as condições que favoreçam essa evolução. A criação da UPO é precisamente uma dessas condições.

O movimento que daí poderá nascer tem o potencial de se tornar a centelha desencadeadora de uma profunda transformação. Poderá fortalecer a rede ainda dispersa da Humanidade, criar um campo coerente onde ideias globais, conhecimento, experiências e recursos possam ser livremente partilhados e integrados. Tornar-se-á uma força impulsionadora de uma nova civilização global, uma civilização assente na cooperação, na participação democrática e na responsabilidade partilhada.

Autoconstituição

A UNITED PEOPLE ORGANIZATION (UPO) tem de se constituir a si própria. Não pode ser fundada por instituições já existentes nem por círculos restritos de prestígio, e não necessita da sua aprovação. Só pode nascer pela vontade das próprias pessoas que pretende representar.

Nós, cidadãos do mundo, queremos encontrar juntos o caminho para a construir com as nossas próprias mãos, a partir da base e de forma democrática.

Esta abordagem assenta na confiança de que a Humanidade é capaz de se estruturar e organizar de forma autónoma. Parte do princípio de que cada pessoa possui o potencial para participar ativamente e contribuir para a construção de uma comunidade planetária funcional. Cada ser humano é reconhecido como uma parte ativa e eficaz do todo.

Isto significa que cada cidadã e cada cidadão do mundo é reconhecido, à escala global, como um sujeito autónomo e capaz de agir. Cada pessoa dispõe de liberdade de decisão, assume responsabilidade, tem possibilidade de exercer influência e é representada. A UPO oferece a todos os seres humanos, para além dos sistemas políticos nacionais, a oportunidade de fazer parte de uma comunidade democrática global e de participar ativamente na construção do futuro do mundo.

Funcionamento

A Humanidade é uma unidade viva. Está integrada no sistema vivo mais vasto da biosfera. A biologia e a medicina mostram-nos que a autorregulação e o funcionamento saudável de um organismo vivo dependem do fluxo livre de informação e de feedback. A UPO inspira-se neste princípio como modelo para o seu funcionamento. Na conceção da sua organização e da sua forma de trabalhar, orienta-se mais por um organismo vivo, dinâmico e saudável do que pelas estruturas rígidas e hierárquicas das instituições tradicionais.

Os três círculos da UPO, os Membros, o Parlamento e o Conselho, mantêm um diálogo permanente e uma troca transparente de informações. As organizações da sociedade civil participam neste processo e são consultadas com base no seu conhecimento especializado e na sua experiência. O génio coletivo deve poder desenvolver-se livremente. Só assim será possível criar soluções sustentáveis, abrir perspetivas criativas para o futuro e tomar decisões sólidas, envolvendo sempre as pessoas diretamente afetadas como participantes ativos na sua construção. Esta cultura de informação e de diálogo, inspirada nos sistemas vivos autorregulados, torna possível a inclusão de todas as partes interessadas.

Enquanto expressão de uma Humanidade diversa e em constante transformação, a UPO incorpora vitalidade e capacidade de adaptação em todas as suas estruturas e a todos os níveis. Na prática, isto significa que os estatutos, as descrições de funções e as regras de competência têm sempre uma validade limitada no tempo e são regularmente revistos, debatidos e, quando necessário, adaptados.

Flexibilidade, pluralidade e evolução são elementos estruturais centrais da UPO, favorecidos pelo processo de autoconstituição. Desta forma, o sistema permanece aberto, adapta-se continuamente às novas circunstâncias e evita tornar-se um instrumento ao serviço de uma ideologia que promete soluções rápidas e generalizadas.

No melhor dos casos, a UPO poderá contribuir conscientemente para moldar o mundo, sem a pretensão de o salvar de imediato. Promove uma ação gradual, constante e sustentável, em harmonia com a realidade complexa e interligada da Humanidade e do espaço de vida que todos partilhamos.

Modo de eleição, uma ideia um pouco diferente

"Numa democracia, votar significa sempre 'uma pessoa, um voto'. No entanto, a forma de o concretizar não é um modelo fixo. Deve evoluir em função das circunstâncias e das necessidades de cada realidade."

Algumas propostas para a eleição de um Parlamento Mundial preveem que os parlamentares sejam eleitos, por exemplo, proporcionalmente à população do seu país ou através de círculos eleitorais transnacionais. Um modelo deste tipo corre o risco de levar os delegados, à semelhança do que acontece atualmente com os representantes dos governos nas Nações Unidas, a defender sobretudo os interesses do seu país ou da sua região de origem.

Eleição do Parlamento

Para a eleição dos delegados, a UPO propõe um caminho diferente. Os membros do United People Parliament não são eleitos com base na nacionalidade nem na filiação partidária, mas na sua capacidade de pensar, sentir e agir em benefício da comunidade planetária.

Daí resultam os seguintes requisitos para os delegados:

- Consideram-se a si próprios cidadãos do mundo.
- Comprometem-se a colocar o bem da Humanidade como um todo no centro da sua ação na UPO e a ter em consideração os interesses das gerações futuras.
- Compreendem a sua função como um serviço prestado à Humanidade.

Os membros interessados da UPO podem candidatar-se a esta função apresentando um dossier pessoal. Após a avaliação das suas qualificações, são incluídos na lista de candidatos e submetidos à eleição.

A Humanidade é diversa, e é precisamente essa diversidade que constitui o seu potencial e a sua força. Por isso, para além da eleição democrática, poderá ser aplicado um critério de diversidade, destinado a assegurar que a diversidade da Humanidade fique adequadamente representada no resultado final.

Critérios para o critério de diversidade:

- **Género:** mulheres 49 %, homens 49 %, pessoas não binárias 2 %
- **Grupos profissionais:** profissões manuais, profissões que exigem formação superior, artistas e criativos, profissões sociais e da educação, profissões

técnicas e tecnológicas, profissões do setor dos serviços, agricultura, entre outras

- **Regiões do mundo:** Oceânia (incluindo Austrália e Nova Zelândia), Europa (incluindo a Rússia), Ásia, América do Norte, América Latina, Norte de África e Médio Oriente, África Subsaariana, cada uma com 12,6 %
- **Grupos etários:** 25 a 40 anos: 33,3 %; 41 a 60 anos: 33,3 %; 61 a 80 anos: 33,3 %

Esta abordagem pretende prevenir representações desequilibradas.

Eleição do Conselho

Os membros do Conselho são propostos pelo Parlamento e eleitos pelos membros da UPO. Também neste caso poderá ser aplicado um critério de diversidade para garantir o equilíbrio de género e uma representação geográfica adequada.

São considerados candidatos adequados ao Conselho mulheres e homens que, ao longo da sua vida e da sua atividade, se tenham distinguido pela sua personalidade, integridade e dedicação ao mundo. Graças ao seu percurso profissional, à sua formação e à sua experiência de vida, adquiriram uma profunda compreensão das necessidades e dos interesses da comunidade global. Espera-se que possuam sabedoria e uma consciência profunda da Humanidade e do mundo.

A UPO, um complemento das Nações Unidas

De todos os conhecimentos que a exploração espacial nos proporcionou, há um que é particularmente significativo para a convivência neste planeta. Vista do espaço, a Terra não apresenta fronteiras físicas entre os países. A divisão em Estados-nação é útil, mas as fronteiras são arbitrárias e criadas pelos seres humanos.

A divisão do mundo em Estados-nação faz parte da história da Humanidade e teve origem numa época anterior à globalização. Tem aspetos práticos, proporciona identidade local e um sentimento de pertença, mas sempre foi também uma causa de conflitos, e continua a sê-lo nos dias de hoje.

Foi por essa razão que foi criada a Organização das Nações Unidas, com o objetivo de prevenir guerras e promover a cooperação internacional em favor da paz e da segurança. A ONU desenvolve um enorme esforço para alcançar acordos entre as nações, criar ordem e prestar ajuda onde existe necessidade. O seu trabalho é indispensável e a sua missão é admirável.

Contudo, a realidade do mundo mostra que a ONU só consegue cumprir essa missão de forma limitada. Interesses particulares, reivindicações de soberania e prioridades nacionais acabam por marcar as negociações e as decisões. Isso impede que as Nações Unidas desenvolvam plenamente o seu potencial.

As Nações Unidas continuam a ser indispensáveis. No entanto, precisam de ser complementadas por uma United People Organization (UPO).

Democracia global

"O direito de voto é precioso. É até sagrado. É o mais poderoso instrumento não violento de que dispomos numa democracia." John Lewis

O ser humano já não pode ser considerado o nível mais baixo e impotente do sistema político global. Pelo contrário, deve ser reconhecido como sujeito de uma ordem democrática e como participante ativo na construção de um mundo que criamos em conjunto, um "mundo como o queremos".

A UPO leva a democracia à escala mundial. Aqui, a democracia não é apenas um procedimento, mas também um valor, uma atitude e um compromisso ativo. Respeita a dignidade de cada pessoa e permite a cada cidadã e a cada cidadão do mundo participar, assumir responsabilidades e exercer influência nos acontecimentos globais.

Desta forma, a UPO torna-se uma nova força e um movimento em prol da democracia global. Hoje, praticamente tudo está globalizado, exceto a democracia, que continua a terminar nas fronteiras dos Estados. Esta realidade demonstra que a atual estrutura da ordem mundial já não corresponde às exigências do nosso tempo. A UPO cria um instrumento de política planetária baseado na cooperação em igualdade entre todas as pessoas e dá expressão à vontade da população civil global.

A UPO não é um governo mundial, nem pretende assumir esse papel. É antes um novo ator da governação global, que incentiva e desafia as instituições existentes a desempenharem as suas responsabilidades de forma mais adequada ao bem comum. Pode desencadear um processo que conduza a uma distribuição mais democrática do poder à escala mundial. Ao mesmo tempo, poderá dar um novo impulso às Nações Unidas, ajudando-as a superar a sua estagnação, a renovar as suas estruturas e a desempenhar a sua missão de forma mais eficaz e mais livre ao serviço da comunidade global.

A democracia global e a ideia da UPO não põem fundamentalmente em causa a soberania dos Estados-nação. Pelo contrário, oferecem um complemento necessário ao sistema dos interesses nacionais particulares. Assim, no futuro, decisões globais, seja em matéria de clima, ambiente, comércio ou segurança, de distribuição de recursos, de combate à pobreza ou de resolução de conflitos internacionais, poderão ser acompanhadas, co-decididas e sustentadas pela população civil global.

Hoje podemos apenas imaginar as transformações construtivas que um movimento e uma organização de democracia global poderão desencadear. Uma nova ordem global desenvolver-se-á a partir da vontade das pessoas em todo o mundo e da sua interação com as instituições existentes e com as nações. É muito provável que a UPO venha a impulsionar ativamente uma evolução política à escala planetária.

Ao serviço da comunidade planetária

"Chegou o momento de criarmos um grande NÓS." 14.º Dalai Lama

A UPO orienta-se pelo princípio de que existe, antes de mais, para servir o todo, a Humanidade, a biosfera e o planeta ao qual pertencemos.

A era planetária torna indispensável compreender e organizar todas as realidades numa perspetiva planetária. Neste sentido, a UPO, enquanto união comprometida com a comunidade planetária, constitui uma necessidade essencial para um mundo cada vez mais interligado.

A sua existência fortalece a consciência individual e coletiva de pertencermos a uma única Humanidade, que partilha uma mesma pátria, a Terra, e que está integrada numa biosfera que sustenta e torna possível toda a vida.

No que diz respeito à nossa interligação, a UPO não cria, no fundo, algo de novo. Dá antes expressão à unidade planetária natural que já existe e que constitui o fundamento de tudo. E, no entanto, quando nós, seres humanos, nos organizamos no espírito da cooperação, da solidariedade e do respeito pela diversidade de todas as formas de vida que nos rodeiam, damos forma concreta a esse organismo vivo, à totalidade planetária, biológica e antropológica que somos. É precisamente isso que constitui algo de novo.

A UPO traduz esta unidade fundamental numa forma institucional, tornando-a assim uma realidade que pode ser vivida tanto individual como coletivamente. Apoia as pessoas a reconhecerem-se, cada vez mais, como cidadãos e cidadãos do mundo e a identificarem-se com esta pertença global.

A consciência da unidade da comunidade planetária encontra-se ainda numa fase inicial. Sempre que nos unimos como membros da UPO, fortalecemos o campo deste novo despertar da consciência planetária. A UPO torna-se um catalisador para a experiência integral de que a nossa existência individual, bem como a existência de todos os seres, faz parte e é expressão de um todo maior.

Quando a consciência planetária desperta, a compreensão da nossa interligação transforma-se numa experiência existencial de unidade. Pensar, sentir e agir de forma integrada tornam-se cada vez mais naturais. Ao orientar-se conscientemente para o bem do todo, a UPO cria um campo de energia que influencia tanto os seus membros como o mundo inteiro, de forma visível, perceptível e eficaz.

Diversidade e unidade

"A diversidade sem unidade é confusão. A unidade sem diversidade é tirania." Blaise Pascal

Cada ser humano é, ao mesmo tempo, uma expressão da diversidade global e um elemento fundamental da unidade global. Ser único e, simultaneamente, fazer parte de um todo interligado não é uma contradição. Estamos unidos, somos diferentes e somos únicos ao mesmo tempo.

A consciência de que cada pessoa é parte integrante e expressão de uma unidade global não nos torna iguais, nem pretende tornar-nos iguais. Pelo contrário, cria o quadro no qual a diversidade natural de indivíduos, povos, culturas, religiões, convicções e modos de vida pode complementar-se, desenvolver-se e interagir de forma harmoniosa.

A diversidade cultural deve ser preservada. Não deve desaparecer nem extinguir-se sob o efeito de uma cultura global uniforme. O espírito democrático da UPO e a força da sua coesão assentam no princípio da diversidade e fortalecem-se na medida em que promovem essa diversidade e confiam nela.

O apreço pela singularidade, pela diversidade e pela interligação constitui um dos valores fundamentais da UPO e caracteriza a consciência de uma cidadã e de um cidadão do mundo.

Uma das missões centrais da UPO é defender a unidade na diversidade e a diversidade na unidade. Em todas as suas ações, iniciativas e atividades, mantém sempre o mundo como um todo no seu horizonte, protege a sua diversidade e preserva, ao mesmo tempo, a sua unidade.

Somos todos cidadãos do mundo

Desde o momento em que nascemos, somos seres humanos e habitantes do planeta Terra. Desde o primeiro dia, somos cidadãs e cidadãos do mundo.

Nos primeiros anos de vida, esta realidade tem pouca importância. Enquanto crianças, adolescentes e jovens adultos, outras formas de pertença ocupam naturalmente um lugar central: a nossa origem, a nossa cultura, talvez uma comunidade religiosa e a nossa nacionalidade.

Todas estas identidades oferecem-nos um sentimento de pertença e, com ele, segurança, orientação e comunidade. São importantes para nos situarmos no mundo.

Hoje, porém, o alcance e o impacto da ação humana ultrapassaram há muito as fronteiras nacionais. Os desafios que enfrentamos, na economia, na política, na segurança e na ecologia, são de natureza global. Para lhes responder de forma eficaz, a consciência nacional, por si só, já não é suficiente.

Para enfrentar estes desafios, podemos assumir uma identidade complementar: a de cidadã e cidadão do mundo.

Esta consciência não substitui as identidades que já possuímos, antes as completa. Permite-nos unir a pertença local à responsabilidade global. Alarga o nosso olhar para o todo, para a comunidade planetária, sem diminuir a riqueza da diversidade de cada pessoa.

Como cidadãs e cidadãos do mundo, podemos estar simultaneamente enraizados na nossa realidade local e ligados à Humanidade como um todo. Somos seres humanos. E somos cidadãs e cidadãos do mundo.

Princípios orientadores

Com a UPO, a Humanidade pode definir uma orientação comum. Pode estabelecer valores éticos que orientem a forma como nos relacionamos uns com os outros. Pode definir princípios e critérios que assegurem que toda a ação e toda a atividade à escala global sirvam o bem comum e promovam a unidade da Humanidade. Com base nesses princípios, poderá exigir responsabilidade e uma atuação ética aos atores globais, aos Estados, às grandes empresas internacionais e às organizações.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos constitui, sem dúvida, o mais importante acordo internacional para a proteção da pessoa humana, em especial das pessoas mais vulneráveis e desfavorecidas perante relações de poder desiguais. A UPO dá um passo além. Oferece a cada ser humano um contexto no qual pode viver e afirmar-se como uma cidadã ou um cidadão do mundo, consciente, autónomo e responsável.

Ser um cidadão autónomo significa assumir responsabilidades e compromissos. Neste espírito, os estatutos da UPO poderão incluir, como complemento aos Direitos Humanos, um conjunto de compromissos voluntários que promovam uma cultura de responsabilidade, solidariedade e respeito mútuo.

Já existem importantes referências éticas de âmbito global, como a Carta da Terra, a Ética Mundial (*Global Ethic*) ou uma Carta das Responsabilidades Humanas. A UPO poderá inspirar-se nestes documentos, debatê-los, desenvolvê-los, adaptá-los e submetê-los à votação dos seus membros, para que possam tornar-se princípios orientadores livremente assumidos pela própria Humanidade.

Uma sociedade civil diversa

"Não tens de fazer tudo. Faz aquilo para que o teu coração te chama." Joanna Macy

Os povos indígenas são de um valor incalculável para o mundo de hoje. Não apenas como expressão da diversidade cultural, mas sobretudo como guardiões de conhecimentos essenciais para o nosso futuro comum. Os seus modos de vida enraízam-se numa profunda compreensão da interligação e da interdependência de

toda a vida. A sua sabedoria nasce dessa relação íntima com o mundo, uma relação assente no respeito, na responsabilidade e na consciência da beleza e da fragilidade do nosso planeta.

Na UPO, valorizar os povos indígenas significa não apenas reforçar os seus direitos, mas também escutar verdadeiramente as suas vozes e reconhecer o seu conhecimento como um contributo indispensável para o diálogo global.

Os ativistas desempenham um papel fundamental na construção de um mundo mais justo, mais democrático e mais sustentável. Recordam-nos que a mudança social não acontece por si mesma, mas nasce da ação de pessoas dispostas a assumir responsabilidades, a tornar visíveis as injustiças e a defender valores que vão para além do interesse próprio.

O seu compromisso é uma expressão de um profundo cuidado pelo mundo. Recorrem à criatividade, à ação não violenta e à desobediência civil para mostrar que a mudança é necessária e possível.

Valorizar o ativismo no âmbito da UPO significa, por isso, reconhecer o potencial destas vozes e dar-lhes o espaço que merecem.

Através da plataforma digital da UPO, ativistas de todo o mundo poderão estabelecer ligações, manter um intercâmbio vivo de experiências e coordenar as suas ações.

As organizações da sociedade civil desempenham, há muito tempo, um papel decisivo na promoção do bem-estar das pessoas e na proteção da vida animal e vegetal. São atores indispensáveis e intervêm precisamente onde os governos não conseguem responder ou onde os recursos locais se revelam insuficientes.

Até hoje, são habitualmente designadas por ONGs, Organizações Não Governamentais. Mas não será estranho definir estas preciosidades da sociedade civil por aquilo que não são, como se essa fosse a sua característica mais importante? Preferimos designá-las pelo que realmente são: Organizações da Sociedade Civil (OSC), em inglês Civil Society Organizations (CSOs). Nasceram da sociedade civil e trabalham ao serviço da sociedade civil.

No âmbito da UPO, as OSC podem ser fortalecidas e valorizadas. Desempenham um papel central, pois são os sentidos, as mãos e os pés da sociedade civil. Se a Humanidade pretende funcionar cada vez mais como um organismo de elevada sinergia, necessita de um fluxo livre e transparente de informação e de uma cultura de feedback bem consolidada no seio da sociedade civil global.

Neste sentido, a UPO torna-se, através da interação entre as OSC, os ativistas, os povos indígenas e todas as pessoas empenhadas, um espaço de encontro onde o conhecimento e a experiência, tanto individuais como coletivos, se transformam num património comum. Assim, a sociedade civil global torna-se uma cocriadora ativa de uma comunidade planetária na qual conhecimento, responsabilidade e compromisso se reforçam mutuamente.

Fundação, os primeiros passos

"Toda a árvore gigante de uma floresta nasce de uma pequena semente."

1. Tornar a ideia conhecida

O sítio na Internet www.unitedpeopleorg.org tem como objetivo levar a visão da UPO ao mundo. Serve para dar a conhecer a ideia, divulgá-la e recolher o feedback da população civil global. As pessoas interessadas podem expressar a sua opinião e registar-se como membros provisórios, manifestando assim o seu apoio à criação da UPO.

Este processo permite avaliar a aceitação da ideia e verificar a vontade pública. Nesta fase, é fundamental que a visão da UPO chegue ao maior número possível de pessoas através do sítio na Internet e das plataformas de redes sociais.

Se um grande número de pessoas apoiar esta ideia, será criada uma base sólida para dar continuidade ao processo da sua concretização.

2. Constituição de um grupo de arranque

Assim que o número de membros provisórios atingir aproximadamente um milhão, será constituído um grupo de arranque composto por pessoas adequadas para esta missão. Este grupo assumirá a função de moderar o processo de fundação da UPO, criando as condições necessárias para a realização de uma assembleia constituinte e assegurando os trabalhos preparatórios.

O grupo garantirá que a criação da UPO decorra com a participação e o contributo dos membros já registados. Só uma abordagem desta natureza permite que as suas estruturas sejam, desde o início, participativas, isto é, **pré-democráticas**.

3. Assembleia constituinte

A fundação da UPO poderá realizar-se sob a forma de uma assembleia híbrida, presencial e em linha, reunindo os membros provisórios. É concebível começar por criar uma primeira **versão protótipo** da UPO, que constitua o ponto de partida de uma organização em crescimento e em permanente evolução.

Desta forma, as pessoas começam a organizar-se como uma comunidade global, passo a passo, a partir da base, de forma democrática e autodeterminada.

Financiamento da UPO

Para a fase inicial da UPO, uma campanha de crowdfunding de grande alcance constitui uma solução adequada. Além de permitir financiar os primeiros passos,

oferece também a oportunidade de divulgar a ideia em todo o mundo e de envolver diretamente as pessoas no processo de fundação.

Após a criação da UPO, a forma mais direta e transparente de financiamento poderá assentar nas contribuições dos seus membros. O montante dessas contribuições deverá ser calculado com base num critério que tenha em conta o rendimento e as condições de vida de cada pessoa, permitindo que todos contribuam para a organização de forma solidária e justa.

Além disso, poderão ser aceites doações incondicionais e legados de particulares, bem como contribuições de fundações de utilidade pública. Para preservar a independência da UPO e evitar qualquer influência por parte de grupos de interesse, empresas, forças políticas ou comunidades religiosas, não serão aceites financiamentos provenientes dessas entidades.

Considerações finais

Embora as nossas propostas relativas às estruturas, ao modo de funcionamento e às áreas de atuação da UPO sejam, por vezes, bastante concretas, não devem ser entendidas como definitivas. O seu único propósito é oferecer uma primeira impressão do espírito e da orientação desta nova organização. As suas formas, estruturas e conteúdos serão desenvolvidos, debatidos e definidos em conjunto ao longo do processo de autoconstituição.

A imagem da UPO que aqui apresentámos é apenas um primeiro esboço, feito de pinceladas iniciais e contornos ainda indefinidos. Entendemo-la como um convite para que acrescentes as tuas próprias pinceladas, para que esta visão possa transformar-se numa obra coletiva da sociedade civil global.

Catherine & Pierre

Uma ideia que foi crescendo

A ideia de uma instância, união ou organização que represente todos os cidadãos do mundo, defenda os seus interesses e preocupações e una a Humanidade como um todo não é nova, nem foi inventada por nós. Os primeiros vestígios do pensamento cosmopolita remontam à Grécia Antiga. Desde então, e até aos nossos dias, muitas pessoas refletiram sobre a forma como a Humanidade poderia crescer e tornar-se uma comunidade solidária e autodeterminada. Dessa procura nasceram as ideias do federalismo mundial, foram fundadas,

em 1945, as Nações Unidas e continua, ainda hoje, a procurar-se estabelecer um Parlamento Mundial democrático no âmbito das Nações Unidas.

Com a nossa ideia de uma UNITED PEOPLE ORGANIZATION, estamos, por isso, sobre os ombros de gigantes.

O que caracteriza a nossa proposta é o seu carácter pragmático e concreto. Ela apresenta um caminho realizável para que nós, seres humanos, nos possamos interligar, agir em conjunto e organizar eleições globais para um Parlamento da Humanidade. Com cada pessoa que se torna membro da UPO, esta nova realidade política ganha força e cresce.

Sobre nós

Para que a ideia da UPO pudesse crescer, foram necessárias experiências e reflexão, encontros e diálogos, caminhos e desvios ao longo da nossa vida.

Algumas etapas do nosso percurso

Vida em comunidade

Durante vinte e cinco anos vivemos em comunidades solidárias juntamente com pessoas que enfrentavam situações de vida difíceis. Quando fundámos a nossa primeira comunidade em Basileia, tínhamos apenas 21 e 25 anos. A vida em comunidade tornou-se a nossa mais importante escola. Ligou-nos profundamente às bases da existência humana e ensinou-nos que a vida é, por natureza, uma vida vivida em conjunto.

Ação e contemplação

A ação e a contemplação são elementos essenciais do nosso caminho. Entendemos a ação como compromisso e tomada de posição em favor do mundo. A contemplação encontra expressão numa prática de silêncio e de consciência de si. Desde cedo percebemos que o compromisso com as pessoas e com o mundo, mesmo quando movido pelas melhores intenções, pode facilmente transformar-se em ativismo estéril. Por isso, até hoje reservamos diariamente momentos de silêncio. Um silêncio entendido como espaço onde os planos e as intenções podem aquietar-se e reencontrar a sua orientação naquilo que procura nascer por si mesmo. Temos consciência de que uma UPO não pode simplesmente ser criada pela força da vontade. Quando o tempo estiver maduro, um movimento, um verdadeiro arrepio cósmico, atravessará a Humanidade e a UPO, ou uma organização semelhante, nascerá naturalmente.

A Cozinha Popular (Gassenküche)

A pobreza não é simplesmente uma questão de destino. É o resultado de uma cadeia de acontecimentos e circunstâncias. Foi esta consciência que adquirimos quando fundámos, em 1989, a Gassenküche, em Basileia. O contacto diário com pessoas sem abrigo, dependentes do álcool ou de drogas sensibilizou-nos profundamente para a sua realidade. Quando conhecemos verdadeiramente uma pessoa e ouvimos a história da sua vida, torna-se evidente que cada destino encerra uma história complexa e faz parte de um contexto sistémico mais vasto. Compreender uma situação individual implica compreender também as interligações de todo o sistema, tanto ao nível individual como coletivo, tanto local como global.

Parlamento das Religiões do Mundo, 1999

Em 1999 viajámos até à Cidade do Cabo para participar no Parlamento das Religiões do Mundo. Reuniram-se cerca de sete mil participantes provenientes de todas as regiões do mundo e das mais diversas tradições religiosas. Durante uma semana participaram-se em workshops, painéis e debates dedicados a uma questão central: como podem as religiões contribuir, através do diálogo inter-religioso e da cooperação, para a resolução dos problemas globais? Um dos workshops marcou-nos profundamente. Estávamos sentados em círculo, cerca de quarenta pessoas. O facilitador lançou uma pergunta muito simples: "O que é que nos une?" As respostas espontâneas concentraram-se sobretudo naquilo que nos diferenciava. O facilitador voltou a perguntar: "O que é que nos une?" Seguiu-se um exercício de duas horas em pequenos grupos. No final, já em plenário, fez novamente a mesma pergunta. Desta vez, as quarenta pessoas olharam umas para as outras e começaram a responder de forma diferente: "Somos todos seres humanos." "Todos amamos os nossos filhos." "Todos queremos viver em paz." E muitas outras respostas semelhantes. A atmosfera transformou-se visivelmente. O ambiente tornou-se mais aberto, mais caloroso e mais humano. A conclusão foi clara: para resolver os problemas globais de forma construtiva, precisamos de partir daquilo que nos une.

11 de setembro de 2001, em Nova Iorque

O destino quis que estivéssemos em Nova Iorque no dia 11 de setembro de 2001, quando ocorreram os ataques às Torres Gêmeas. Viver um acontecimento desta dimensão no próprio local toca profundamente a alma e o coração. Nas ruas sentiam-se o choque, a incredulidade e um profundo sentimento de desorientação. Era um trauma coletivo. Nos dias que se seguiram permanecemos, juntamente com muitos nova-iorquinos, no Central Park, acompanhando com profunda consternação as reações ao sucedido. Numa conversa, uma mulher fez-nos uma pergunta que nunca esquecemos: "O que lhes fizemos para que nos odeiem tanto?" Era uma boa pergunta, um ponto de partida digno de reflexão. Contudo, rapidamente foi abafada por muitas outras vozes. Na televisão, o Presidente George W. Bush anunciava uma retaliação total. Nada disso fazia prever um bom caminho. Faltava uma voz equilibrada, serena e conciliadora. Foi sob o impacto dessas experiências que concebemos a ideia de um Conselho Mundial de Pessoas Sábias, destinado a aconselhar os responsáveis políticos em funções segundo princípios éticos e a exercer uma influência corretiva. Naquela época, porém, não demos continuidade a essa ideia, porque não existia qualquer possibilidade de eleger democraticamente um tal conselho à escala mundial. Hoje, essa possibilidade existe.

Fórum Social Mundial de 2003, em Porto Alegre

Em 2003 participámos no 3.º Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, no Brasil. Estavam presentes cerca de 100 000 participantes e mais de 5 700 organizações da sociedade civil. Havia um objetivo comum que nos unia: procurar impedir que os Estados Unidos invadissem o Iraque em violação do direito internacional. Este encontro proporcionou-nos uma experiência inesquecível da extraordinária diversidade, do entusiasmo contagiante e do enorme potencial criativo da sociedade civil mundial. Esse objetivo não pôde ser alcançado. Mas o lema do encontro continua vivo em nós até hoje: "Um outro mundo é possível."

A paz pode estudar-se

Em 1996, frequentámos a Universidade para a Paz, na Costa Rica. No campus fomos recebidos pelo então reitor Robert Muller, que anteriormente desempenhara durante quarenta anos o cargo de Vice-Secretário-Geral das Nações Unidas. Encontrámos nele um verdadeiro cidadão do mundo, uma pessoa profundamente dedicada à Humanidade e animada por um grande

amor pelo mundo como um todo. Naquela época recolhia sonhos: duas mil visões para um mundo melhor, como saudação ao novo milénio. Perguntou-nos: "Qual é o vosso sonho?" Respondemos espontaneamente: "Criar uma Universidade para a Paz na Suíça." Ao despedir-se, encorajou-nos com uma frase simples: "Go and do it!" E foi exatamente isso que fizemos. As visões utópicas e os sonhos corajosos são as sementes de uma nova realidade.

European Peace University, 2006

Em 2006, integrámos o programa de mestrado da European Peace University, na Áustria. Num ambiente verdadeiramente internacional, composto por estudantes e docentes de muitos países, investigámos, debatemos, refletimos e praticámos abordagens relacionadas com a paz e a transformação de conflitos. Aprofundámos o estudo das estruturas políticas existentes e explorámos tanto as possibilidades como os limites das diferentes soluções. A conclusão foi clara e inequívoca: Para que possa surgir um mundo mais justo e mais pacífico de forma duradoura, é necessária uma nova estrutura de ordem global, democrática.

World Peace Academy, 2010

Muitas pessoas diziam: "Isso é impossível." Mesmo assim, decidimos tentar. Com o apoio do Professor Dietrich Fischer, a orientação científica do Dr. Johan Galtung e em colaboração com a Universidade de Basileia, aquilo que parecia impossível tornou-se realidade. Em 2010, fundámos em Basileia a World Peace Academy. Convidámos estudantes e conferencistas de todo o mundo para aprofundarem os temas da paz e da transformação de conflitos no âmbito de um programa Master of Advanced Studies. Para tornar possível o que hoje parece impossível, são necessários uma convicção inabalável, determinação e a união de muitas pessoas.

Hoje vivemos em Basileia.

Catherine exerce atividade como psicóloga em consultório privado.

Pierre dedica-se ao acompanhamento espiritual na Offene Kirche Elisabethen, em Basileia, onde acompanha pessoas no seu caminho interior.

Inspirações

As inspirações para este conceito provêm de fontes muito diversas. Entre elas encontram-se muitas pessoas e os seus escritos. Gostaríamos de homenagear aqui algumas delas.

- *Hans-Peter Dürr; Warum es ums Ganze geht – Für eine zivile Gesellschaft*
- *Edgar Morin and Anne Brigitte Kern; Homeland Earth: A Manifesto for the New Millenium*
- *Edgar Morin; Der Weg – Für die Zukunft der Menschheit*
- *George Monbiot; The Age of Consent: A Manifesto for a New World Order*
- *Paul Hawken; How the Largest Social Movement in History Is Restoring Grace, Justice, and Beauty to the World*
- *Jo Leinen and Andreas Bummel; Governance and Democracy in the 21st Century*
- *Richard Falk and Hans Sponeck; Liberating the United Nations*
- *Adi Da; Not Two is Peace*
- *Dietrich Fischer; Nonmilitary Aspects of Security: A Systems Approach*
- *Joanna Macy; World as Lover, World as Self*

- *Robert Muller; The Birth of a Global Civilization – With Proposals for a New Political System for Our Planet*
- *Peter Russel; The Awakening Earth – The Global Brain*
- *Demokratie – Wofür es sich jetzt zu kämpfen lohnt; various authors*
- *Ervin Laszlo; You Can Change the World*
- *Ervin Laszlo; Die Neugestaltung der vernetzten Welt – Global denken, global handeln*
- *Gerald Hüther and Christa Spannbauer; Verbundenheit – Warum wir ein neues Weltbild brauchen*
- *Ken Wilber; Finding Radical Wholeness*
- *Boualem Sansal; Freundschaftlicher, respektvoller und mahnender Brief an die Völker und Nationen der Welt*
- *Fritjof Capra; The Systems View of Life: A Unifying Vision*
- *Thomas Berry; The Wild and the Sacred – The Great Work, Our Path into the Future*
- *Amartya Sen; Identity and Violence: The Illusion of Destiny*
- *Johan Galtung; Peace by Peaceful Means*
- *Johan Galtung; Transcend and Transform*
- *Michael von Brück; Wie wir Mensch werden*
- *Albert Denk; Globale Demokratie – Warum weltweite Probleme ein neues politisches Miteinander erfordern*